

BONITÃO – Espere. Não adianta andar depressa...

MARLI – É melhor discutirmos isso em casa.

BONITÃO – *(Alcança-a e obriga a parar torcendo-lhe violentamente o braço)* Não, vamos resolver aqui mesmo. Não tenho nada que discutir com você...

MARLI – *(Livra-se dele com um safanão, mas seu rosto se contrai dolorosamente)* Estúpido!

BONITÃO – Ande, vamos deixar de mas-mas. Passe pra cá o dinheiro.

MARLI – *(Tira do bolso do vestido um maço de notas e entrega a ele)* Não podia esperar até chegar em casa?

BONITÃO – *(Chega mais para perto do jato de luz e conta as notas, rapidamente)* Só deu isto?

MARLI – Só. A noite hoje não foi boa. Você viu, o “castelo” estava vazio.

BONITÃO – E aquele galego que estava conversando com você quando cheguei?

MARLI – Uma boa conversa. Queria se fretar comigo. Ficou mangando a noite toda e não se resolveu...

BONITÃO – *(Mete subitamente a mão no decote de Marli e tira de entre os seios uma nota)* Sua vaca! Ele faz menção de dar-lhe um bofetão, ela corre e refugia-se atrás da cruz. Zé-do-Burro desperta de sua semisonolência.

MARLI – Eu precisava desse dinheiro. Pra pagar o quarto, você sabe.

BONITÃO – Não gosto de ser tapeado. Por que não pediu?

MARLI – E você dava?

BONITÃO – Claro que não. *(Guarda o dinheiro na carteira)* Isso ia fazer falta no meu orçamento. Tenho compromissos e você bem sabe que não gosto de pedir dinheiro emprestado. É uma questão de feito.

MARLI – E eu, que faço pra pagar o quarto? Já devo dois meses e a dona anda me olhando atravessado.

BONITÃO – *(Indiferente)* É um problema seu. Tenho muita coisa em que pensar.

MARLI – Eu sei, eu sei no que você pensa...

BONITÃO – *(Sorri e há em seu sorriso uma sombra de ameaça)* Penso, por exemplo, que você, de três meses pra cá, está fazendo muito pouco. A Matilde está fazendo quase o dobro...

MARLI – *(Compreende a ameaça, avança para ele sacudida pelo ciúme e pelo pavor de perdê-lo)* Eu sei, você está dando em cima daquela arreganhada. Ela mesma anda dizendo.

BONITÃO – Eu não dou em cima de mulher nenhuma, você sabe disso. É uma questão de princípios.

MARLI – Quer dizer que é ela quem está dando em cima de você!

BONITÃO – Ela perguntou se eu estava precisando de dinheiro.

MARLI – *(Ansiosamente)* E você?...

BONITÃO – Eu só pedi umas informações de ordem técnica, arrecadação diária etc...

MARLI – *(Agarra-o freneticamente pelos braços)* Bonitão, você não aceitou o dinheiro dela, aceitou?! Você não aceitou o dinheiro daquela vagabunda!

BONITÃO – *(Olha-a friamente)* E que tinha, se aceitasse? Eu também preciso viver.

MARLI – Mas o que eu lhe dou não chega?!

BONITÃO – Você compreende, eu também tenho ambições. Se eu não tivesse qualidades, bem. Mas eu sei que tenho qualidades. É justo que viva de acordo com essas qualidades.

MARLI – Mas o que lhe falta? Eu não tenho lhe dado tudo que você me pede? Se for preciso, dou mais ainda. Não pense que é por medo de que você me largue pela Matilde, não. *(Alisa sua roupa e admira-o, maternalmente)* É porque tenho prazer em ver você vestido com a roupa que eu dei, com os sapatos que eu comprei e com a carteira recheada de notas que eu ganhei pra você. Tenho orgulho, sabe?

BONITÃO – (*Desvencilha-se dela*) Pois então veja se na próxima vez não esconde dinheiro no decote. Tenho certeza de que a Matilde não é capaz de um gesto feio desses.

MARLI – Ela é capaz de coisas muito piores. Se você quiser, eu lhe conto.

BONITÃO – (*Bruscamente*) Não quero ouvir nada. Quero é que você vá pra casa.

MARLI – (*Decepcionada*) Você não vai comigo?

BONITÃO – Não, vou ficar um pouco mais por aqui. Vá na frente que daqui a pouco eu apareço por lá.

MARLI – (*Enciumada*) E o que é que você vai ficar fazendo na rua a uma hora dessas?

BONITÃO – (*Com muita seriedade*) Ora, mulher, eu preciso trabalhar! (Acende um cigarro, abstraindo-se da presença de Marli, que o fita como um cão escorraçado pelo dono. Só então este se mostra intrigado com a cruz no meio da praça. Examina-a curiosamente e por fim dirige-se a Zé-do-Burro) É sua?

(*Zé balança a cabeça em sinal afirmativo. Marli vai até à escada da igreja, senta-se num degrau, sem se incomodar com Rosa, deitada mais acima, tira os sapatos e movimenta os dedos doloridos.*)

BONITÃO – (*Nota a igreja, faz uma associação de idéias*) Encomenda?

ZÉ – Não, promessa.

BONITÃO – (*A princípio parece não entender, depois ri*). Gozado.

ZÉ – Não acho.

BONITÃO – Não falei por mal. Eu também sou meio devoto. Até uma vez fiz promessa pra Santo Antônio...

ZÉ – Casamento?

BONITÃO – Não, ela era casada.

ZÉ – E conseguiu a graça?

BONITÃO – Consegui. O marido passou uma semana viajando...

ZÉ – E o senhor pagou a promessa?

BONITÃO – Não, pra não comprometer o santo.

ZÉ – Nunca se deve deixar de pagar uma promessa. Mesmo quando é dessas de comprometer o santo. Garanto que da próxima vez Santo Antônio vai se fingir de surdo. E tem razão.

BONITÃO – O senhor compreende, Santo Antônio ia ficar mal se soubessem que foi ele quem fez o trouxa viajar. (*Nota que Marli ainda não se foi*) Que é que você ainda está fazendo aí?

MARLI – Esperando você.

BONITÃO – (*Vai a ela*) Já lhe disse que vou depois. Vai ficar agora grudada em mim?

MARLI – (*Levanta-se*) Escute, Bonitão... você não podia deixar eu ficar ao menos com aquela nota?

BONITÃO – Já lhe disse que não. Não insista.

MARLI – Mas eu preciso pagar o quarto!

BONITÃO – O quarto é seu, não é meu.

MARLI – Mas o dinheiro é meu. É justo que eu fique ao menos com algum.

BONITÃO – É justo por quê?

MARLI – Porque fui eu que trabalhei.

BONITÃO – E desde quando trabalhar dá direito a alguma coisa? Quem lhe meteu na cabeça essas idéias? (*Olha-a de cima a baixo, com desconfiança*) Está virando comunista?

Marli fita-o com ódio e sai bruscamente pela direita.

Bonitão acompanha-a com o olhar e depois sorri, tira o dinheiro do bolso e torna a contá-lo.

ZÉ – *(Candidamente)* Esse dinheiro... é dela mesmo?

BONITÃO *(Guarda o dinheiro)* Bem, esta é uma maneira de olhar as coisas. E toda coisa tem pelo menos duas maneiras de ser olhada. Uma de lá pra cá, outra de cá pra lá. Entendeu?

ZÉ – Não...

BONITÃO – Não vale a pena explicar. É uma questão de sensibilidade.

ZÉ – O senhor é... marido dela?

BONITÃO – Não, sou assim uma espécie de fiscal do imposto de renda. *(Sobe, como se fosse sair, mas se detém diante de Rosa, cujo vestido, levantado, deixa ver um palmo de coxa).*

ROSA – *(Abre os olhos, sentindo que está sendo observada)* Que é?

BONITÃO – Nada... estava só olhando... *(Rosa conserta o vestido.)*

BONITÃO – Não deve ser lá muito confortável essa cama... *(Rosa olha-o com raiva.)*

BONITÃO – *(Olha-a mais detidamente)* E olhe que você bem merece coisa melhor.

ROSA – Diga isso a ele *(Aponta Zé-do-Burro).*

BONITÃO – A ele?

ROSA – Meu marido.

BONITÃO – Ah, você também veio pagar promessa...

ROSA – Eu não, ele. E por causa dele estou dormindo aqui, no batente de uma igreja, como qualquer mendiga. *(Senta-se)*

ZÉ – Não deve faltar muito para abrir a igreja. O senhor sabe que horas são?

BONITÃO – *(Consulta o relógio)* Um quarto para as cinco.

ZÉ – Sabe a que horas abre a igreja?

BONITÃO – Não, não é bem o meu ramo...

ZÉ – Mas às seis horas deve ter missa. Hoje é o dia de Santa Bárbara...

ROSA – *(Ressentida)* Às seis horas. Tenho que agüentar mais de uma hora ainda neste batente duro. E a promessa não é minha!

BONITÃO – É capaz da porta da sacristia já estar aberta.

ZÉ – O senhor acha?

BONITÃO – Padre acorda cedo...

ZÉ – Às cinco horas?

BONITÃO – Então; tem que se preparar para a missa das seis.

ZÉ – É verdade...

BONITÃO – Por que o senhor não vai ver?

ZÉ – É... *(Hesita um pouco)*

BONITÃO – A porta é do lado de lá...

ZÉ – Rosa, você vigia a cruz, eu vou dar a volta... não demoro. *(Sai)*

BONITÃO – Pode ir sem susto que eu ajudo a tomar conta de sua cruz. *(Depois que Zé-do-Burro sai)* das duas.

ROSA – Só que uma ele carrega nas costas e a outra... se quiser que vá atrás dele. *(Levanta-se)*

BONITÃO – E você não é mulher para andar atrás de qualquer homem... ao contrário, é uma cruz que qualquer um carrega com prazer...

ROSA – *(Com recato, mas no fundo envaidecida)* Ora, me deixe.

BONITÃO – Palavra. Seu marido não lhe faz justiça. Isso não é trato que se dê a uma mulher... mesmo sendo mulher da gente.

ROSA – Se ele faz pouco de mim, faz pouco do que é dele.

BONITÃO – Não discuto. Só acho que você não é mulher para dormir em batente de igreja. Tem qualidades para exigir mais: boa cama, com colchão e melhor companhia.

ROSA – Não fale em cama pra quem tem o corpo moído, como eu.

BONITÃO – Tão cansada assim?

ROSA – Duas noites sem dormir, sete léguas no calcanho...

BONITÃO – Sete léguas? Quantos quilômetros?

ROSA – Sei lá... só sei que sete vezes amaldiçoei aquele dia em que fui roubar caju com ele na roça dos padres...

BONITÃO – Ah, foi assim...

ROSA – A gente faz cada besteira...

BONITÃO – Quanto tempo faz?

ROSA – Oito anos...

BONITÃO – E você casou com ele?

ROSA – Casei.

BONITÃO – Sem gostar?

ROSA – *(Depois de um tempo)* Gostava, sim. Sabe, na roça, o homem é feio, magro, sujo e mal vestido. Ele até que era dos melhores. Tinha um sítio...

BONITÃO – E daí?

ROSA – Daí, eu achei que ele garantia tudo que eu queria da vida: homem e casa. A gente quando é franga, com licença da palavra, tem merda na cabeça.

BONITÃO – *(Algo interessado)* Ele tem um sítio, é?

ROSA – Tinha, agora tem só um pedaço. Dividiu o resto com os lavradores pobres.

BONITÃO – Por quê?

ROSA – Fazia parte da promessa.

BONITÃO – Que é que está esperando? Virar santo?

ROSA – Não brinque. Pelo caminho tinha uma porção de gente querendo que ele fizesse milagre. E não duvide. Ele é capaz de acabar fazendo. Se não fosse a hora, garanto que tinha uma romaria aqui, atrás dele.

BONITÃO – Depois de cumprir a promessa, ele vai voltar pra roça?

ROSA – Vai.

BONITÃO – E você?

ROSA – Também. Por quê?

BONITÃO – Se você viesse pra cidade, eu podia lhe garantir um bonito futuro...

ROSA – Fazendo o quê?

BONITÃO – Isso depois se via.

ROSA – Eu não sei fazer nada.

BONITÃO – *(Segura-a por um braço)* Mulheres como você não precisam saber coisa alguma, a não ser o que a natureza ensinou... *(Rosa puxa o braço bruscamente, depois de manter, por alguns segundos, um olhar de desafio.)*

ROSA – Não faça isso! Ele pode voltar de repente

BONITÃO – Ele deve ter ido acordar o padre. *(Volta a aproximar-se dela)*

ROSA – *(Desvencilha-se dele novamente)* Me solte. *(Volta a sentar-se na escada)* Eu queria era dormir. Dava a vida por uma cama... com um lençol branco... e uma bacia d'água quente onde meter os pés.

BONITÃO – Eu posso lhe arranjar um hotelzinho aqui perto... *(Rosa lança-lhe um olhar hostil.)*

BONITÃO – Isso sem segundas intenções... só pra você dormir, descansar dessa romaria.

ROSA – Não quero me meter em encrencas.

BONITÃO – Não há nenhum perigo de encrenca. Sou muito cotado com o porteiro do hotel e tenho boas relações com a polícia. Nesta zona, todos respeitam o Bonitão.

ROSA *(Quase sensualmente)* Bonitão.

BONITÃO *(Vaidoso)* É um apelido...

(Rosa olha-o de cima a baixo. Bonitão senta-se junto dela.)

ROSA – Não chegue perto, estou muito suada.

BONITÃO – No hotel tem banheiro... para quem andou sete léguas, um banho de chuveiro e depois uma cama com colchão de mola...

ROSA – Colchão de mola mesmo?

BONITÃO – Então...

ROSA – Nunca dormi num colchão de mola. Deve ser bom.

BONITÃO – Uma delícia... *(Entra Zé-do-Burro pela direita. Bonitão levanta-se.)*

ZÉ – Tudo fechado. Tem jeito não.

ROSA *(Revoltada)* – E eu que agüente este batente duro até Deus sabe lá que horas.

ZÉ – Paciência, Rosa. Seu sacrifício fica valendo.

ROSA – Pra quem? Pra Santa Bárbara? Eu não fiz promessa nenhuma.

ZÉ – Oxente! Melhor ainda. Amanhã, quando você fizer, a santa já está lhe devendo!

ROSA – Nunca vi santo pagar dívida. *(Volta a deitar-se no degrau)*

BONITÃO – *(Assumindo um ar tão eclesiástico quanto possível)* A senhora faz mal em ser tão descrente. Quem sabe se Santa Bárbara já não está providenciando o pagamento dessa dívida? E quem sabe se não escolheu a mim pra pagador?

ZÉ – *(Muito ingenuamente)* O senhor não era fiscal do imposto de renda? Agora é pagador de Santa Bárbara...

BONITÃO – Meu caro, com o custo de vida aumentando dia a dia, a gente tem que se virar. Mas não é esse o caso. Digo que Santa Bárbara já deve estar tratando de liquidar o débito hoje contraído com sua senhora, porque me fez passar por aqui esta noite.

ZÉ – Não vejo nada de mais nisso.

BONITÃO – Porque o senhor não sabe que eu posso, em cinco minutos, arranjar uma boa cama, com colchão de mola, num hotel perto daqui.

ZÉ – Pra ela?

BONITÃO – E pro senhor também.

ZÉ – Eu não posso. Tenho que esperar abrir a igreja. Se soubesse que não iam roubar a cruz...

BONITÃO – *(Rapidamente)* Oh, não, a cruz não deve ficar sozinha. Esta zona está cheia de ladrões. A cruz é de madeira e a madeira está caríssima.

ZÉ – É o que eu acho. Não devo sair daqui.

BONITÃO – Mas eu posso ficar tomando conta, enquanto o senhor e sua senhora vão descansar.

ZÉ – O senhor?

BONITÃO – E por que não?

ZÉ – Mas a igreja pode demorar a abrir. Pelo menos uma hora ainda.

BONITÃO – Eu espero. Sua esposa me contou a caminhada que fizeram, o senhor carregando nas costas essa cruz através de léguas e léguas, para cumprir uma promessa. Isso me comoveu.

ZÉ – Mas não é justo. Não foi o senhor quem fez a promessa.

ROSA – Ele está querendo ajudar, Zé.

ZÉ – Mas não é direito. Eu prometi cumprir a promessa sozinho, sem ajuda de ninguém. E essa história de dormir no hotel não está no trato.

BONITÃO – E sua senhora está no trato?

ZÉ – Rosa? Não, ela pode ir.

BONITÃO – Nesse caso, se quiser que eu leve sua senhora... ao menos ela descansa enquanto espera pelo senhor.

ZÉ – Você quer, Rosa? Quer ir esperar por mim no hotel? *(Volta-se para Bonitão)* É hotel decente?

BONITÃO – *(Fingindo-se ofendido)* Ora, o senhor acha que ia indicar...

ZÉ – Desculpe, é que sempre ouvi dizer que aqui na cidade...

BONITÃO – Pode confiar em mim.

ZÉ – É longe daqui?

BONITÃO – Não, basta subir aquela ladeira...

ZÉ – Que é que você diz, Rosa?

ROSA – *(Percebendo o jogo de Bonitão)* Quero não, Zé. Prefiro ficar aqui com você.

ZÉ – Ainda agora mesmo você estava se queixando.

BONITÃO – Não é pra menos. Deve estar exausta. Sete léguas.

ZÉ – Afinal de contas, você tem razão, a promessa é minha, não é sua. Vá com o moço, não tenha acanhamento.

BONITÃO – Eu vou com ela até lá, apresento ao porteiro, que é meu conhecido - sim, porque uma mulher sozinha, o senhor sabe, eles não deixam entrar - depois volto para lhe dizer o número do quarto. Daqui a pouco, depois de cumprir a sua promessa, o senhor vai pra lá.

ZÉ – Se o senhor fizesse isso, era um grande favor. Eu não posso me afastar daqui.

BONITÃO – Nem deve. Primeiro, Santa Bárbara.

ROSA – Zé, é melhor eu ficar com você...

ZÉ – Pra quê, Rosa? Assim você vai logo descansar numa boa cama, não precisa ficar aí deitada nesse batente frio...

BONITÃO – Um perigo! Pode pegar uma pneumonia.

ROSA – *(Inicia a saída. Pára, hesitante. Pressente o perigo que vai correr. Procura, com o olhar, fazer Zé-do-Burro compreender o seu receio)* Zé...

ZÉ – Ahn, sim. *(Enfia a mão no bolso, tira um maço de notas)* Pode ser que precise pagar adiantado...

ROSA – *(Recebe o dinheiro. Encara o marido)* Talvez seja melhor, depois de entregar a cruz, você mandar também rezar uma missa em ação de graças...

ZÉ – *(Sem entender o alcance da sugestão)* É, não é má idéia. Rosa sobe a ladeira e Bonitão a segue.

BONITÃO – *(Saindo)* Volto num minuto.

ZÉ – Está bem. *(Senta-se ao pé da cruz e procura uma maneira de apoiar o corpo sobre ela. Aos poucos, é vencido pelo sono. As luzes se apagam em resistência)*

Segundo quadro